

SEGUNDO CADERNO

SEXTA-FEIRA 9.8.2013
oglobo.com.br

As pessoas andam muito a fim de rir no teatro, mesmo quando veem tragédias

pág. 8
ARTHUR DAPIEVE



HÁ 50 ANOS BANDIDOS ROUBAM O TREM PAGADOR

pág. 7

Encontro audiovisual



Um ano após a regulamentação da Lei da TV Paga, diretores e produtores de cinema apostam alto em projetos para a televisão

ANDRÉ MIRANDA
andre.miranda@oglobo.com.br

O diretor Cacá Diegues repete há anos uma mesma frase, uma espécie de preságio, talvez um alerta, e que só agora parece estar se concretizando:

— Eu dizia que enquanto a TV e o cinema não se entendessem não haveria futuro para nenhum dos dois. O cinema pode renovar a TV, e a TV é uma janela importantíssima para o cinema. Esse encontro precisava acontecer.

O que Cacá talvez não esperasse é que o encontro fosse acontecer por lei. Desde que entrou em vigor — efetivamente em 2 de setembro de 2012, depois de ser regulamentada pela Agência Nacional de Cinema (Ancine) —, a Lei 12.485, conhecida como Lei da TV Paga, criou uma demanda de produções para a TV e acabou atraindo diretores e produtores conhecidos do cinema para se arriscar no formato. Hoje, além de Cacá, nomes como Fernando Meirelles, Laís Bodanzky, Flávio Ramos Tambellini, Anna Muylaert, Luiz Villaça e Felipe Bragança, entre outros, estão criando projetos de séries e telefilmes de olho num mercado em alta.

Entre os artigos da lei, os que incentivaram o novo momento por que passa a produção audiovisual brasileira se referem às cotas mínimas

de conteúdo nacional que os canais de TV por assinatura precisam cumprir: a partir do mês que vem, a cota será aumentada para a obrigatoriedade de exibição, em horário nobre, de três horas e meia por semana de produção brasileira. Além disso, a lei também obriga que os pacotes oferecidos para os assinantes tenham canais com programação majoritariamente brasileira.

Com a demanda criada, o passo seguinte, exatamente o que vem ocorrendo neste momento, foi criar a oferta. É raro encontrar uma produtora que não esteja pensando um projeto para TV. E, como consequência, também é raro que um diretor não considere hoje a janela da televisão para um novo trabalho.

— Apesar de algumas novelas estarem dando um salto de qualidade, sinto que o melhor da TV hoje em dia são as séries que se parecem mais com filmes. Os roteiros e personagens são mais complexos, a fotografia é trabalhada plano a plano como no cinema, a montagem leva semanas por episódio. Nessas séries, a vantagem da TV, de se poder contar histórias com duração de 12 horas, é associada à vantagem do cinema, que é o cuidado em cada etapa do projeto e mais tempo para a realização. Ando colocando minhas fichas nisso aí — diz Fernando Meirelles.

A produtora de Meirelles, a O2, é um bom exemplo de como o mercado mudou no último

ano. Antes mesmo da lei, ela já apostava em TV, com séries como “Filhos do carnaval”, cuja direção foi de Cao Hamburger, e “Som e fúria”, dirigida por Meirelles e Toniko Mello, entre outros. Hoje, a O2 tem sete projetos para TV em andamento. Anteontem, por exemplo, estreou na GNT a série “Beleza S.A.”, sobre a rotina de uma clínica de cirurgia plástica.

— Realmente a área de TV na O2 deu uma explodida — diz Meirelles. — Sempre fizemos TV, mas sinto que somos mais da turma do cinema, pois rodamos quase tudo com uma câmera só, num esquema de produção mais artesanal e autoral. Mesmo nas séries como “Contos de Edgar”, por exemplo, cada episódio tem o roteirista responsável que bate bola desde o início com o diretor. Esse diretor acompanha seu episódio desde a criação até a finalização. Na TV em geral o processo costuma ser mais industrializado, há um diretor geral, mas cada etapa passa de mão em mão, como numa linha de montagem. Nosso desafio é tentar manter esse cuidado da peça artesanal, mas cumprindo a escala que a TV exige.

Esse esmero proposto por Meirelles na produção para TV é exatamente um dos pontos que mais se destacam nas conversas do setor. Num primeiro instante, com as demandas da lei, parte do que era produzido pecava pela falta de

qualidade. Os próprios programadores de canais e alguns críticos das novas regras reclamavam que não havia produção nacional à altura do que era feito no exterior e que isso poderia afastar o consumidor.

— Somos procurados todos os dias com ofertas de novos programas. Hoje, nós tocamos cerca de dez projetos para TV. Há uns cinco anos, só tínhamos dois — afirma Debora Ivanov, sócia da produtora Gullane e também presidente do Sindicato do Audiovisual de São Paulo. — É um momento de euforia muito grande. No começo há um estranhamento de quem vem de cinema, especialmente dos diretores, mas todos eles veem com muito interesse essa oportunidade, até porque a qualidade de dramaturgia na TV tem um padrão bem elevado.

Outro fator que vem favorecendo a qualidade da produção é o surgimento de editais específicos para a televisão. A Ancine tem uma linha do Fundo Setorial do Audiovisual destinada para a produção de séries ou documentários, e outras serão criadas ainda este ano. A Riofilme, empresa da prefeitura do Rio para distribuição e apoio na produção audiovisual, também criou editais para desenvolvimento de projetos e produção de documentários para TV.

Continua na página 5

FOTOS DE DIVULGAÇÃO



Esporte. Dirigido por Laís Bodanzky, “Mulheres olímpicas” narra histórias de esportistas brasileiras ao longo dos anos



Refugou. “No meio do caminho tinha um obstáculo”, de Cacá Diegues, lembra o cavalo Baloubet du Rouet



Maldades. A série “As canalhas”, dirigida por Anna Muylaert, é focada em mulheres que assumem seu lado mau



Clóvis. De Felipe Bragança, o projeto “Cloun”, sobre bate-bolas, já foi pensado com um braço na televisão



Gerações. Com direção de Luiz Villaça, “3 Teresas” narra a história de convivência de três mulheres numa mesa casa